

O veludo das lagartas verdes

João
Batista
Melo



Para Alcino Leite Neto, Ivan
Claudio, Branca Maria de
Paula, Cunha de Leiradella
e Sergio Fantini, que me
ajudaram a cuidar deste
borboletário.

Para Aline e Maria do Carmo,
pelas cores que trazem aos
meus dias.

E também para a música de
David Shire, John Barry e
Sergio Saraceni, o pólen que
revestiu todas
estas páginas.

*Mas olhei-te bem nos olhos,
belos como o veludo das
lagartas verdes.*

Guimarães Rosa,
"Gargalhada"

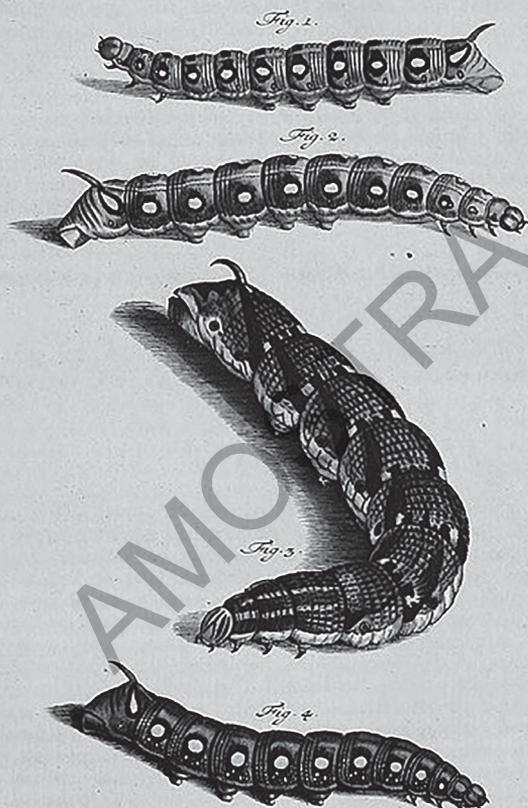
*Embebida em lama, brilhando
em verde e dourado e preto,
havia uma borboleta, muito
bela, e muito morta.*

Ray Bradbury,
"Um som de trovão"

CLASSIS I. PAPILIONUM NOCTURNORUM.

Suppl.

Tab. VI.



A. J. Riffel fecit et sculp.

I

Taturana

*Lá o imenso azul desenha
ainda as mensagens de
esperança nos homens
pacificados —
os doces mineiros que
teimam em existir no caos e
no tráfico.*

Carlos Drummond de Andrade,
“Triste horizonte”

1

Ele vinha de um mundo onde as coisas permaneciam. Seus pais nasceram na roça no entorno de Curva do Alto, e, pela insistência da mãe, uma turrona que não queria ver o filho analfabeto, ele cursara escola e acabara conquistando um bom emprego, depois de pastorear rebanhos de gado e recolher os frutos vermelhos nas colheitas de café. Seus amigos de infância, quase todos, se instalaram na mesma cidade, um na prefeitura, outro na farmácia, os demais nas fazendas das redondezas. Pássaros que não se afastavam do ninho, avessos à migração. Mas, nos últimos tempos, os jovens, muitos deles, acabavam indo para outros lugares, assim como Estevão seguira para Belo Horizonte, atraído por colegas que o antecederam e por meio de cartas e telefonemas contaram-lhe acerca do paraíso. Um paraíso de concreto, com empregos e dinheiro, carros e televisores coloridos. E empregos diferentes dos que se repetiam em Curva do Alto. Novos empregos. Novo dinheiro. Novo futuro.

E agora Antonio o procurava pelas ruas de Belo Horizonte. Não porque ele quisesse ou precisasse ser procurado. Mas porque partira para o novo. Um novo do qual o pai fora alijado. Depois de semanas vasculhando inutilmente a cidade em busca de algum vestígio de seu filho Estevão, finalmente havia uma possibilidade, embora ele próprio ainda não entendesse para onde seguiam. Ele atravessava a cidade na companhia de Francisco, o adolescente, filho da dona da pensão onde se hospedara, a mesma em que Estevão também morara ao se mudar para a capital e da qual desaparecera sem dei-

zar vestígios. Ao menos foi isso que todos lhe disseram desde sua chegada. Até aquela noite, quando Francisco de repente o chamara para irem procurar seu filho, embora se recusasse a explicar algo mais do que essa informação simples, mas capaz de significar tudo para um pai aflito: vamos ver o Estevão!

Chegaram ao centro da cidade, os carros espalhando um zumbido constante, banda que não se acertava sobre o tom, os músicos tocando diferentes melodias, sem melodias, somente a mixórdia de ritmos e harmonias dissonantes. Antonio se confundia com os semáforos e o garoto lhe puxava pelo braço. “Vamos, pode passar. Espera, o carro te pega.” Às vezes, Antonio parava enfeitiçado por algo que lhe cruzava a visão. Um mendigo estendendo num canto a perna em chagas. A sirene da radiopatrulha tingindo de vermelho a lataria dos carros em volta. Os outdoors. Os prédios e os infinitos quadradinhos das janelas iluminadas. Quando alguma delas se acendia, Antonio a olhava e demorava alguns segundos concentrado na nova visão. O garoto o repreendia.

— A gente tem horário. Você quer ou não quer ver o Estevão? — E Antonio retomava o passo e seguia adiante.

Chegaram num ponto de ônibus repleto de gente. Todos esperavam. Impressionava-lhe como naquela cidade as pessoas costumavam esperar. Nos bancos, nas lanchonetes, nos postos de saúde, nos pontos de ônibus. Muitos se impacientavam, mas continuavam resignados no mesmo lugar. Na capital, ele concluiu, a espera significava a desistência da vigília. Talvez fosse uma forma de sucumbir. O preço da bonança e do progresso. Enquanto aguardava o ônibus, viu o letreiro na parede do cinema. A enorme garrafa de refrigerante, tecida com fios de luz, derramava o líquido luminoso, enchia o copo de pontos avermelhados até que a luz quase trasbordava, e enfim a marca Coca-Cola coloria a frente do prédio. Cine Te-

atro Brasil. Ele guardou o nome do cinema e do refrigerante, ia colecionando referências para se movimentar sozinho, não sabia até quando o garoto teria paciência de pajem.

O ônibus chegou e Francisco chamou Antonio para dentro. O trajeto foi longo, tempo bastante para as nuvens encobrirem a lua. Afastaram-se muito do Centro, percorreram ruas quietas em bairros residenciais. Da janela, Antonio viu crianças brincando em frente aos portões, homens nas mesas dos bares. Passaram por uma fábrica, as chaminés vertendo fumaça, a noite ainda mais enegrecida. Ao fundo, um motel, as janelas enfileiradas, carros estacionados ao lado de cada uma, detrás das paredes, segredos que os olhos de Antonio não conseguiam decifrar. As construções tornaram-se raras, o ônibus seguiu através de uma rodovia e, num desvio, entrou em novo bairro, enfim chegando ao ponto final.

Garoava quando eles desceram, mas nenhum dos dois alterou o passo pela rua vazia. Deixaram para trás as casas e percorreram o caminho de terra até chegarem num terreno vasto e descampado. Dali se via a ondulação das serras, raios desenhando traços no céu enegrecido. Antonio parou no meio do lote, enfim se perguntando aonde o garoto o levava. Não havia sinal de casas até onde se podia enxergar. A estrada não prometia futuro, devia embrenhar-se mato adentro para alguma fazenda. Mas onde estava o Estevão prometido? Se em algum sítio nas proximidades, melhor seria se pegassem um táxi no bairro de onde acabavam de sair. Nenhum sentido em caminhar assim no meio da noite e por lugares ermos. Olhou Francisco, buscando refazer a confiança que nele depositara ao chegar. “Será o menino capaz de um malfazejo, levando-me para que alguém me roube ou coisa pior?”

“Não”, tranquilizou-se, “o garoto é bom”, disse tinha certeza. Mas ainda carecia de explicação estarem sob a chuva

num lote baldio. Sentiu o braço puxado para o lado. Francisco queria que ele se agachasse e o seguisse por trás de um amontoado de arvoredos. Antonio não se moveu, primeiro queria explicações, por que foram até ali e por que agora aquilo de se abaixar. Ele não era mais um jovem, não custava lembrar. Curvar o corpo era um gesto possível, pois a força ainda corria entre seus músculos, mas algo não de todo agradável.

Um novo som se somou aos trovões: o zumbido de um motor. Algum carro chegava pela estrada. Antonio se voltou para vê-lo, mas caiu no chão, arrastado pelas mãos do garoto. O chapéu rolou na grama. Francisco tapou-lhe a boca para conter o grito que já rascunhava, enquanto o puxava para trás das árvores e, com a outra mão, apanhava o chapéu. Antonio aumentou a sua apreensão, o garoto pretendia assaltar-lhe ou matar-lhe e temia que os ocupantes do carro o salvassem. Tentou se libertar, mas o adolescente o mantinha preso com firmeza.

O automóvel se aproximou, antecedido pelo cone dos faróis que varreram os galhos das árvores e clarearam seus corpos por rápido instante. As luzes mudaram de direção quando o carro, um Passat cinza com amassados no para-choque, deixou a estrada e entrou pelo terreno, imobilizando-se a algumas dezenas de metros de Antonio e Francisco, quietos e deitados na grama.

— Fica quieto, merda — sussurrou o garoto no ouvido de Antonio —, senão a gente tá fodido.

O relâmpago rasgou o céu e a chuva correu pelo talho. Pingos grossos feito moedas martelaram o carro, agora com os faróis apagados, filtraram-se nas folhas para cair sobre o rapaz e Antonio, ainda colados como os corpos de dois amantes. De vez em quando, o mais velho lutava, as pernas ensaian-

do coices, os braços forçando o rapaz para trás em busca de liberdade. Mas Francisco armava garrotes, engendrava forças maiores que seus 15 anos de idade.

O clarão do novo relâmpago não se extinguiu depois do trovão. Prolongou-se nos faróis de mais um carro pela estrada. Freios rangeram na direção das árvores ao fazerem uma curva fechada, e o Corcel rodou pelo capinzal até perto do primeiro veículo. Ao seu lado, vinha uma motocicleta, o condutor encolhido dentro da jaqueta de couro preto. Os carros pararam de frente um para o outro, luzes apagadas, touros quietos se mirando com chifres armados.

Antonio parou de arremeter os braços contra o garoto, pois o imobilizava um temor maior do que o insinuado pelo adolescente. Tentava agora enxergar a noite, penetrar o negro e ver os carros em pose de duelo. Assustou-se quando um deles acendeu de súbito o farol e o outro piscou em resposta. Mais uma vez, desligaram as luzes e restou a escuridão. Francisco nada disse e relaxou a pressão sobre Antonio, deixando livres seus braços e pernas. Porém sussurrou, mais baixo que o estalo das gotas de chuva.

— Quietos. Por favor, quietos.

Levado pelo instinto, Antonio obedeceu. Apoiou-se no cotovelo para espreitar entre as ramagens mais baixas do arvoredo. Queria chegar para o lado a cortina da chuva, mas ela se espessava, alternando opacidade e transparência. Não reprimiu o sobressalto diante do farol que piscou mais uma vez. Uma segunda. Uma terceira. O outro carro respondeu também por três vezes. Três. O galo cantará três vezes, pensou Antonio, sem saber de onde extraía naquele instante uma reflexão bíblica. Mesmo imobilizado pelo suspense, ele divagava. Todo instante é propício à ficção.

Virou o rosto para o garoto em busca de explicações, mas este somente ergueu o indicador de encontro à própria boca, pedindo-lhe de novo que ficasse em silêncio.

O raio explodiu em algum lugar próximo e a chuva cresceu, deixando atrás de si a limalha de uma garoa. Os dois automóveis acenderam os faróis. Uma porta se abriu e um rapaz desceu carregando uma pasta. Do outro carro, saiu outro homem, caminhou até o primeiro e o cumprimentou. Entregou-lhe algo que a distância não permitiu discernir, recebeu a pasta em suas mãos e voltou para o carro que deixara aberto. Antes de entrar, olhou em volta como se examinasse as redondezas. Nesse momento, a luz dos faróis bateu direto em sua face, e Antonio viu claramente o rosto de seu filho Estevão. Ele começou a levantar-se para sair de trás dos arbustos, mas Francisco o puxou para baixo outra vez.

O barulho de folhas amassadas atravessou o burburinho da chuva, chegou aos homens nos carros. Aquele que recebera a pasta caminhou em torno do automóvel, uma das mãos tirou do bolso um revólver, a vírgula do gatilho presa no indicador, o cano mirando a direção das árvores. As demais portas se abriram para dar passagem a mais homens armados. Um deles empunhava uma lanterna, o facho amarelando as touceiras de capim, desfazendo as sombras em busca da origem dos ruídos. Os ocupantes do segundo carro deram passos na direção oposta, procurando algo suspeito, mas logo voltaram e ficaram imóveis junto da porta, acompanhando à distância o grupo que se aproximava dos arbustos.

Estevão, ainda segurando a pasta, chegou a poucos metros da massa de arvoredos, a lanterna nas mãos do colega varrendo as redondezas. A moto descreveu círculos em torno do diminuto bosque, um ciclope de olhar luminoso vasculhando as árvores. Mas a maioria delas, embora baixas, criava um in-

transponível arquipélago de folhas. Por um segundo, o homem se concentrou nas sombras do tronco mais largo, a sensação de que algo se mexera, o revólver buscando alvos, mas a chuva se encorpou novamente, trouxe consigo porções de vento, e todas as árvores tremeram, confundindo sua atenção.

Lá atrás, o Corcel manobrou para jogar a luz dos faróis contra as plantas. Mas exceto os riscos da chuva, nada se conseguia ver na noite densa. Com as roupas encharcadas, os homens caminharam, irritados, de volta aos seus carros. Os que já esperavam dentro do veículo rodaram devagar rumo à saída do imenso baldio. Os outros quatro também retornaram, trancaram as portas para isolar o frio, ligaram o motor e, então, os pneus amassaram o barro pelo mesmo caminho por onde tinham chegado. O homem da pasta colocou o rosto pela janela e arriscou um último olhar para os arvoredos, mas enxergou apenas as sombras das folhas e o vento que as tangia. A motocicleta veio por último, o ronco emendando trovões. Quando todos fizeram a curva e entraram de novo no caminho que seguia para o bairro, Antonio soltou-se das mãos do adolescente, levantou-se e andou até a margem da estrada. Dali acompanhou as luzes dos automóveis, quatro retângulos vermelhos, avançarem dois a dois rumo ao clarão da cidade.

Francisco se levantou e chegou mais perto de Antonio, pronto para caminharem lentos sob a chuva, retornando para as ruas do bairro. Imbecis por estarem debaixo do toró, pensava, embora a culpa fosse dele mesmo, que inventara de levar o outro até aquele lugar. Pelo menos estavam pertinho do bairro, as casas, o ponto de ônibus, coisa de dez minutos de caminhada devagar, apesar da chuva que os molharia ainda mais antes de chegarem ao destino. No entanto, mesmo abatido pelo aguaceiro, seu rosto transparecia calma, estava certo

transponível arquipélago de folhas. Por um segundo, o homem se concentrou nas sombras do tronco mais largo, a sensação de que algo se mexera, o revólver buscando alvos, mas a chuva se encorpou novamente, trouxe consigo porções de vento, e todas as árvores tremeram, confundindo sua atenção.

Lá atrás, o Corcel manobrou para jogar a luz dos faróis contra as plantas. Mas exceto os riscos da chuva, nada se conseguia ver na noite densa. Com as roupas encharcadas, os homens caminharam, irritados, de volta aos seus carros. Os que já esperavam dentro do veículo rodaram devagar rumo à saída do imenso baldio. Os outros quatro também retornaram, trancaram as portas para isolar o frio, ligaram o motor e, então, os pneus amassaram o barro pelo mesmo caminho por onde tinham chegado. O homem da pasta colocou o rosto pela janela e arriscou um último olhar para os arvoredos, mas enxergou apenas as sombras das folhas e o vento que as tangia. A motocicleta veio por último, o ronco emendando trovões. Quando todos fizeram a curva e entraram de novo no caminho que seguia para o bairro, Antonio soltou-se das mãos do adolescente, levantou-se e andou até a margem da estrada. Dali acompanhou as luzes dos automóveis, quatro retângulos vermelhos, avançarem dois a dois rumo ao clarão da cidade.

Francisco se levantou e chegou mais perto de Antonio, pronto para caminharem lentos sob a chuva, retornando para as ruas do bairro. Imbecis por estarem debaixo do toró, pensava, embora a culpa fosse dele mesmo, que inventara de levar o outro até aquele lugar. Pelo menos estavam pertinho do bairro, as casas, o ponto de ônibus, coisa de dez minutos de caminhada devagar, apesar da chuva que os molharia ainda mais antes de chegarem ao destino. No entanto, mesmo abatido pelo aguaceiro, seu rosto transparecia calma, estava certo

de que sobrevivera. O perigo, que ele mesmo provocara, já partira com os carros e com a motocicleta.

2

Quando tudo começara? Há quantas semanas ele se arrastava pela cidade como um pássaro perdido, uma borboleta sem plantas ao redor, ou talvez como um invasor? Era estranha a sensação de que tão pouco tempo podia se transformar em anos ou séculos, as lembranças esticadas como reflexos num espelho que alguém deformara, a mente incapaz de discernir se o ontem veio antes ou depois do amanhã. Mas nesses fragmentos emplastados da memória havia uma estação ferroviária, um homem à espera, uma pequena mala e um filho cujo destino era desconhecido.

A cidade se apagara em meio aos rangidos do trem. Nas janelas do vagão, arrastando para trás campos e plantações, Antonio vira sumir na ilusão do horizonte o alpendre de sua casa, cimentado e coberto de cera vermelha, as árvores que circundavam a frágil construção, o portãozinho de lenhas trançadas, a cerca de arame não farpado. E as janelas que guardavam o quarto escuro, de paredes caiadas, onde havia muitos anos ele decifrava sua viuvez, entretido com a leitura de antigos jornais. A casa também era antiga. A cidade. Antonio.

O próprio trem era uma espécie de lembrança em movimento. Antonio embarcara na estação perdida no trajeto de um dos últimos trens que cortavam Minas Gerais. Pelo resto do estado, espalhavam-se trilhos ocultos entre as malhas de mato e arbusto, rastros de um animal extinto, encontran-

do-se às vezes com os prédios de estações fantasmas. Trens eram algo moribundo. Um hábito que se perdera no tempo. Antonio também se sentia um vestígio de épocas remotas. Sua cidade era assim. Um povoado raquítico, entranhado nos confins do interior, proliferando homens e mulheres enrugados, que empoeiravam no abandono, carentes de fluxos, de correntes, de juventude. Nem mesmo as galhas das antenas de televisão ousavam quebrar a inércia do povoado, que não via o resto do planeta, apenas o escutava em bojudos rádios de válvula, pilotados pelos mais abastados, como o dono da farmácia ou o prefeito.

Durante décadas, Antonio trabalhara para manter um dos únicos elos daquela comunidade com o mundo lá fora, à exceção do trem, dos automóveis velhos e enferrujados e dos cavalos que chegavam e partiam dentro das nuvens de pó. No início, seus dias de trabalho na agência dos correios foram cheios de vida, assim como a própria cidade, fervente de comércios e viajantes, de grupos que vinham do campo em busca de gêneros e novidades. Nessa época, sua esposa dirigia um bazar apinhado de coisas tão diversas quanto cobertores de lã e pilhas elétricas. Seu filho se dividia no auxílio aos dois, quando não estava na escola que se pendurava no caminho do morro.

Mas tudo isso se diluía no tempo. A vida se convertera em recordações, que se esvaneceram prisioneiras dos ponteiros dos relógios e das folhas dos calendários. A mulher morrera havia muito tempo. Restara o filho perdido na capital. A última notícia que tivera de Estevão fora uma carta de três anos, quatro meses e duas semanas atrás. Desde então, Antonio contabilizara os dias, aguardando a aposentadoria para trancar as portas da casa, embarcar no trem ou num ônibus e rumar para Belo Horizonte à procura do filho.